

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

Nome: Karina Regalio Campagnoli

E-mail:

karinaregalio@hotmail.com

Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Submetido: 14/12/2020

Aprovado: 30/01/2021

Publicado: 22/11/2023

 10.20396/rho.v23i00.8663626

e-Location: e023022

ISSN: 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**

CAMPAGNOLI, K. R. Anita

Philipovsky: a construção intelectual de uma feminista.

Revista HISTEDBR On-line,

Campinas, SP, v. 23, p. 1-20, 2023.

DOI:

10.20396/rho.v23i00.8663626.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8663626>.

Acesso em: 22 nov. 2023.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



## ANITA PHILIPOVSKY: A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UMA FEMINISTA



**Karina Regalio Campagnoli\***

Universidade Estadual de Ponta Grossa

### RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir alguns aspectos que marcaram o percurso de constituição intelectual da escritora e poetisa Anita Philipovsky, especialmente a partir de sua participação como colaboradora de diversos periódicos e revistas paranaenses, abordando o contexto histórico das três primeiras décadas do século XX. Por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho documental, procurou-se compreender as estratégias e ações que Anita fez uso para se inserir no meio editorial dos jornais e demais veículos de comunicação impressos que circulavam neste contexto histórico, consolidando-se como escritora e crítica social. Para isso, mobilizou-se o conceito de gênero, articulando-o às possibilidades de escrita consideradas autorizadas para as mulheres, perpassando os perfis de leitora, escritora e, posteriormente constituindo-se como intelectual engajada na luta pelos direitos das mulheres, enfatizando as questões educacionais. Constata-se que as atitudes e posicionamentos de Anita Philipovsky podem ser compreendidos a partir da conformação de uma rede de sociabilidades e da construção de capital, assim como de alguns *habitus* que favoreceram sua entrada e circulação em alguns espaços sociais não tão comuns para as mulheres no contexto histórico abordado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anita Philipovsky. Mulheres intelectuais. Gênero feminino. Educação das mulheres.

**ANITA PHILIPOVSKY: THE INTELLECTUAL CONSTRUCTION OF A FEMINIST**

**Abstract**

The purpose of this article is to discuss some aspects that marked the path of intellectual constitution on the writer and poet Anita Philipovsky, especially from her participation as a contributor to several periodicals and magazines from Paraná, addressing the historical context of the first three decades of the 20th century. Through a qualitative research of documentary nature, we sought to understand the strategies and actions that Anita used to insert herself in the editorial environment of newspapers and other printed media that circulated in this historical context, consolidating herself as a writer and social critic. To this end, the concept of gender was mobilized, articulating it with the possibilities of writing considered authorized for women, permeating the profiles of reader and writer, and later constituting herself as an intellectual engaged in the fight for women's rights, emphasizing issues educational. It appears that Anita Philipovsky's attitudes and positions can be understood from the formation of a network of sociability and the construction of capital, as well as from some *habitus* that favored their entry and circulation in some social spaces not so common for women in the historical context addressed.

**Keywords:** Anita Philipovsky. Intellectual women. Feminine gender. Women's education.

**ANITA PHILIPOVSKY: LA CONSTRUCCIÓN INTELECTUAL DE UNA FEMINISTA**

**Resumen**

El propósito de este artículo es discutir algunos aspectos que marcaron el camino de la constitución intelectual de la escritora y poeta Anita Philipovsky, especialmente a partir de su participación como colaboradora de varios periódicos y revistas paranaenses, abordando el contexto histórico de las tres primeras décadas del siglo XX. A través de una investigación cualitativa de carácter documental, se buscó comprender las estrategias y acciones que utilizó Anita para insertarse en el ámbito editorial de los periódicos y otros medios impresos que circularon en este contexto histórico, consolidándose como escritora y crítica social. Para ello, se movilizó el concepto de género, articulándolo con las posibilidades de escritura considerada autorizada para las mujeres, impregnando los perfiles de lectora y escritora, y constituyéndose luego como una intelectual comprometida en la lucha por los derechos de las mujeres, enfatizando temas educativos. Parece que las actitudes y posiciones de Anita Philipovsky se pueden entender a partir de la formación de una red de sociabilidad y construcción de capital, así como de algunos *habitus* que favorecieron su entrada y circulación en algunos espacios sociales no tan comunes para las mujeres en el contexto histórico abordado.

**Palabras clave:** Anita Philipovsky. Mujeres intelectuales. Género femenino. Educación de la mujer.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto, de abordagem qualitativa e metodologia de pesquisa documental, é analisar o percurso de construção intelectual de Anita Philipovsky, uma poetisa e escritora, nascida na cidade de Ponta Grossa, interior do Paraná. Ela iniciou sua trajetória como escritora, a partir de sua participação na imprensa ponta-grossense, escrevendo para o jornal Diário dos Campos, durante as primeiras décadas do século XX, destacando-se como crítica social e declarando-se como feminista, posicionando-se a favor dos direitos femininos (Oliveira, 2018; Santos, 2002).

O jornal Diário dos Campos, também conhecido como DC, inicialmente intitulado como O Progresso, é um periódico com mais de um século de atividades no município de Ponta Grossa e região, constituindo-se por um longo período de tempo como o único veículo de comunicação impressa dos Campos Gerais, região geográfica em que se localiza Ponta Grossa.

Nas primeiras décadas do século XX, Anita Philipovsky também escreveu muitos artigos para os periódicos curitibanos A República e Diário da Tarde, assim como, para as revistas Ilustração Paranaense, Paraná Ilustrado, Terra dos Pinheiraes<sup>1</sup> e Álbum do Paraná, impressos que se dedicavam a ressaltar, dentre outras temáticas, o chamado Movimento Paranaense, conhecido por valorizar a cultura e os símbolos paranaenses (Santos, 2002).

Para a elaboração da análise proposta neste artigo, considerou-se o envolvimento de Anita Philipovsky com as letras e sua expressão por meio da escrita pública como relevantes na luta pelos direitos femininos, uma vez que, no contexto das primeiras décadas do século XX, foram poucas as mulheres que apresentaram alguma forma de participação, enquanto colaboradoras, em revistas e periódicos impressos – redutos até então tipicamente masculinos.

Nesse sentido, considerou-se a atuação de Anita Philipovsky e suas relações com os jornais e revistas elencados anteriormente como representações das mulheres enquanto sujeitos históricos e de direitos, indicando o conceito de gênero como fundamental para a compreensão sobre o envolvimento das mulheres nos mais diversos cenários públicos. Assim sendo, enfatizou-se principalmente os aspectos que fizeram menção à construção intelectual da referida personagem, assim como, os aspectos que remeteram à organização dos mais diversos projetos da sociedade, procurando-se elucidar as redes de sociabilidade e os espaços de circulação de Anita Philipovsky.

Dessa forma, para fundamentar esta proposta, foram mobilizadas as contribuições de alguns autores como: Bourdieu (1989), Perrot (1998), Sapiro (2012), Scott (1995), Sirinelli (2003), entre outros. O objetivo foi o de discorrer sobre as ações de Anita Philipovsky na disputa pelos espaços públicos tradicionalmente masculinos, com destaque para o campo das letras, tentando assumir o papel de intelectual e ocupar ou, pelo menos, participar da produção intelectual da imprensa escrita ponta-grossense e paranaense no contexto

abordado, procurando relacionar suas contribuições com a educação e com as oportunidades oferecidas pelo acesso ao campo do conhecimento e da cultura.

## **FORMAÇÃO EDUCACIONAL DE ANITA PHILIPOVSKY COMO PONTE PARA A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL**

Ao se problematizar especificamente as ações e atitudes protagonizadas por mulheres, no caso aqui, Anita Philipovsky como representante do gênero feminino, especialmente em direção a uma atuação intelectual, surge a discussão sobre o conceito de gênero. Sobre isso, Scott (1995), salienta o caráter social dos aspectos relacionados a esse conceito, a partir da compreensão das mulheres como sujeitos históricos, corroborando a concepção sobre as mulheres apontada nesta produção.

Segundo Scott (1995), as discussões acadêmicas sobre o conceito de gênero ocorreram de forma mais enfática a partir dos anos 1970. Apesar disso, a pauta que envolvia as lutas pelos direitos femininos foi observada nas fontes que subsidiam esta pesquisa, especificamente nas três primeiras décadas do século XX, demonstrando os tensionamentos que mulheres, a exemplo de Anita Philipovsky, travaram em busca das mesmas oportunidades sociais oferecidas aos homens.

Assim sendo, ao relembrar o desenvolvimento do conceito de gênero ao longo do tempo, Scott (1995) explica que para as feministas americanas, “[a palavra gênero] indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (Scott, 1995, p. 72). Nesse sentido “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

Nesse sentido, em muitas reportagens e matérias veiculadas pelos periódicos e revistas consultados no período analisado, encontram-se artigos em que se constatam que as mulheres queriam trabalhar, estudar, viajar, fazer escolhas e viverem novas experiências. Dessa forma, Anita Philipovsky pode ser citada como uma das principais vozes desse movimento, especialmente no jornal ponta-grossense Diário dos Campos, uma vez que, como feminista declarada, escritora e poetisa, ela pode ser referenciada como uma das representantes das mulheres de seu contexto histórico, contribuindo com muitos artigos argumentativos e questionadores em prol do gênero feminino.

No percurso de construção intelectual de Anita Philipovsky<sup>2</sup>, destaca-se sua história pessoal e de sua família. Sobre isso, a autora Luísa Cristina dos Santos Fontes (2014, p. 37), pesquisadora da referida escritora e poetisa explica que:

Anita Philipovsky, filha do engenheiro austríaco Carlos Leopoldo Philipovsky e de Maria do Nascimento Branco Philipovsky, nasceu em Ponta Grossa, Paraná, em 2 de agosto de 1886 (algumas bibliografias registram equivocadamente o ano de 1898). Seu pai, nascido em Viena

(1845), fora contratado, no Brasil, pelo governo imperial de D. Pedro II, para trabalhar na extensão da linha telegráfica Santos-Foz do Iguaçu. Antes disso, participou como soldado na Guerra franco-prussiana de 1870, tendo, inclusive, recebido medalhas por atos de heroísmo. A mãe de Anita nasceu em 1849, na cidade de Sorocaba. O casamento fora realizado em Ponta Grossa, na Matriz de Sant'Anna, em 5 de fevereiro de 1880. Anita foi a quarta a nascer, dos sete filhos do casal (Paulina, Ângela, Maria Clara, Anita, Francisca, Carlos e Hilda).

Anita Philipovsky e sua família viviam na zona rural, no entanto, seu pai era detentor de capital cultural<sup>3</sup>, social, simbólico e econômico suficientes para proporcionar condições para que os filhos estudassem, conforme descrito por Fontes (2014, p. 37):

A sede da fazenda da família era distante da cidade, por isso sua educação e a de seus irmãos se processou basicamente através de professores contratados, quase sempre estrangeiros, que passavam a residir na fazenda. Coube a eles, não só o ensino básico, como o de línguas estrangeiras (alemão e francês), e também estudos de artes, particularmente, de música e pintura. A jovem Anita era muito apegada ao pai, homem inteligente e de grande cultura, possuidor de nobre caráter e de elevados sentimentos. Foi seu incentivador maior nas letras, quer na prosa ou verso; assim como na pintura. [...].

A citação anterior nos possibilita refletir sobre a valorização que a família Philipovsky concedia à educação, a julgar pelos investimentos não só na aquisição das primeiras letras, mas também na consolidação dos conhecimentos que se relacionavam à cultura de forma mais ampla, englobando as artes e as línguas. Além disso, o avô de Anita Philipovsky:

[...] foi vereador de Ponta Grossa e dono de terras na região. Sendo filha de um engenheiro, homem que teve condições materiais favoráveis para completar sua formação num ensino superior e neta de um homem de posses e que circulou entre o meio político pontagrossense, o que significa que era de uma família reconhecida na cidade (Oliveira; Martiniak, 2019, p. 897).

O excerto exposto anteriormente nos permite constatar que a família de Anita Philipovsky era possuidora de capital econômico, além do social, simbólico e cultural, os quais certamente facilitaram seu acesso e desenvolvimento nos estudos. Além disso, Oliveira e Martiniak (2019, p. 897) apontam outra influência bastante marcante na trajetória educacional e intelectual de Anita Philipovsky, que foi

[...] sua professora de pintura a italiana Giovanina Bianchi, que também circulou no meio literário pontagrossense e foi sua grande incentivadora na publicação de suas produções. O contato com Giovanina revelou-se de extrema importância para que Philipovsky despontasse no meio letrado.

A influência da professora Giovanina Bianchi foi tão marcante na carreira literária de Anita Philipovsky que, para homenagear sua incentivadora nos estudos e nas letras, Anita Philipovsky dedicou seu primeiro texto, publicado no periódico Diário dos Campos - à época ainda chamado de O Progresso - à sua mestra, homenageando-a com a seguinte dedicatória: “À talentosa poetiza D. Giovannina Baldisseri Bianchi”. Nesse texto, Anita Philipovsky demonstra seu apreço e amizade por sua professora e enfatiza: “Completa pois a sua obra Senhor, despertando-lhe n’alma adormecida o culto de tudo que é grande e bello, concedendo-lhe um sentimento affectivo que trocado entre duas almas sera a única ventura de vida humana!” (A talentosa [...], 1912).

Giovanina Bianchi, assim como os demais docentes contratados pelo pai de Anita Philipovsky, residiu na fazenda da família durante o período em que trabalhou como professora de Anita e de seus irmãos. A partir disso, constata-se a preocupação da família de Anita Philipovsky com os investimentos na construção do capital cultural dos filhos, os quais provavelmente impulsionaram a tendência de Anita para as letras. Alie-se a isso, os já citados capitais econômico, simbólico e social já disponíveis, os quais, possivelmente lhe proporcionaram uma nova perspectiva de vida, enquanto ia se transformando em leitora assídua, posteriormente em escritora e poetisa, conforme veremos na sequência, constituindo-se como intelectual que lutava pelos direitos femininos. Além disso, pode-se conjecturar que o domínio dessas variadas modalidades de capital pode ter facilitado a inserção, permanência e respeitabilidade de Anita Philipovsky como autora de artigos em diversos periódicos e também de revistas que circulavam não só em Ponta Grossa, mas também no Paraná (Fontes, 2014; Oliveira, 2018).

Assim, contestando os preceitos que eram incitados às mulheres no contexto em que Anita Philipovsky viveu, que pregavam a dedicação da mulher à maternidade e ao lar, “[ela] pode ser vista como uma exceção. Contrariou os padrões que se esperava de uma mulher da sociedade republicana: não se casou; não teve filhos; poetisa, circulando num espaço marcadamente masculino; suas observações revelam a postura de uma mulher crítica” (Oliveira; Martiniak, 2019, p. 884).

Nesse sentido, ao problematizar as singularidades de Anita Philipovsky, as reflexões de Perrot (1998) permitem ampliar as discussões sobre o desenvolvimento dos papéis sociais femininos, problematizando a atuação nos espaços públicos e privados. Desse modo, a autora destaca que a primeira manifestação feminina no espaço público refere-se à mulher que escreve, corroborando nosso destaque à formação educacional de Anita Philipovsky nesse processo, uma vez que:

Uma mulher, na intimidade do seu quarto, pode escrever um livro ou um artigo de jornal que a introduzirão no espaço público. É por isso que a escritura, suscetível de uma prática domiciliar (assim como a pintura), é uma das primeiras conquistas femininas, e também uma das que provocaram mais forte resistência (Perrot, 1998, p. 10).

A citação acima vem ao encontro das oportunidades educacionais que Anita Philipovsky teve acesso em seu processo formativo, com destaque para a literatura e a pintura. Além disso, em relação à leitura e ao universo feminino, Perrot (1998, p. 32) ainda destaca que “A leitura, prazer tolerado ou furtivo, foi para muitas mulheres um jeito de se apropriar do mundo, do universo exótico das viagens e do universo erótico dos corações”. Esse ideário é especialmente relevante no contexto de Anita Philipovsky, se lembrarmos de que ela vivia em uma fazenda, portanto distante dos movimentos da cidade (Fontes, 2014; Oliveira, 2018).

Ainda sobre a constituição feminina enquanto leitora, Perrot (1998, p. 74) enfatiza que geralmente “[...] as mulheres eram retratadas como leitoras e raramente como escritoras”, demonstrando uma atitude passiva em relação ao universo letrado, comumente atribuído aos homens no sentido de autoria. No entanto, nossa pesquisa demonstra que Anita sempre lutou por seu espaço, conseguindo apoio dos editores de O Progresso/Diário dos Campos e, posteriormente, colaborando com outros periódicos, conforme pode ser averiguado pela transcrição da notícia a seguir sobre uma reportagem de 01 de junho de 1921, em que o referido jornal, comenta sobre os elogios tecidos à “Annita Pilipowsky” – grafia usada pelo periódico nessa nota – pelo periódico “A República”, da cidade de Curitiba, enaltecendo-se por ter publicado os primeiros textos de Anita.

“A Republica” noticiando a estada da distincta escriptora pontagrossense na capital, tecem-lhe os mais justos e merecidos elogios. Annita Philipowsky não é apenas uma impressionista de superficialidades, como em regra são as escriptoras. Annita Philipowsky pensa, philosòpha, e aborda questões sociaes com superioridade vistas. [...]. Nòs que lhe acompanhamos os primeiros passos [...] temos muito prazer registrando esta noticia [...] (Annita [...], 1921, p. 1).

A notícia acima demonstra o apreço que o jornal O Progresso/Diário dos Campos tinha por Anita Philipovsky. Importante reforçar que muitas notas similares à essa foram publicadas pelo referido periódico nas décadas de 1910 e 1930, ressaltando o capital simbólico que Anita conquistou como escritora e poetisa. Assim, em relação ao relacionamento do gênero feminino com o universo letrado, especialmente a imprensa, Perrot (1998, p. 77) afirma que “[...] inicialmente ela [a imprensa] é um mundo masculino, de que as mulheres vão lentamente se apropriando”. Fato esse, também observado em nossas pesquisas nos periódicos e revistas em que Anita Philipovsky contribuiu durante os anos de 1910 a 30, demonstrando uma atuação feminina pioneira que tensionava os padrões impostos às mulheres.

Sob essa perspectiva, nossa pesquisa também demonstrou o perfil amistoso que Anita Philipovsky mantinha em relação aos representantes do gênero masculino, a começar por seu pai – seu maior incentivador – e também pelas boas relações que manteve com os editores dos veículos impressos com os quais ela contribuiu. Essas impressões também foram observadas por Oliveira (2018) e Santos (2002).

Isso pode ser constatado, por exemplo, pelo volume de reportagens que o Diário dos Campos veiculou durante o período analisado, ressaltando Anita Philipovsky como escritora e poetisa. Esse bom relacionamento de Anita com os jornalistas do Diário dos Campos, em especial, pode ser relacionado com o fato de esse periódico ter sido o primeiro veículo de imprensa em que Anita Philipovsky publicou um texto de sua autoria. Sugere-se que essa amizade e respeito mútuos possam ser compreendidos como um investimento na construção e manutenção de capital social por parte de Anita Philipovsky, favorecendo, portanto, suas relações sociais e ajudando-a a construir sua trajetória enquanto intelectual engajada na luta pelos direitos femininos, conforme trataremos com mais detalhes na sequência. Em uma dessas homenagens endereçadas à Annita Philipovsky, Antonio L. Albuquerque, representante da equipe editorial do Diário dos Campos, por meio do texto intitulado O carinho, expressa sua admiração por Anita, numa demonstração de que ela dispunha também de capital simbólico:

O carinho

Para Annita Philipowsky

No enorme turbilhão da vida, em que o homem numa eterna incompreensão, aspira ainda construir a infinda Babel, quando temos o aceno bondoso de um carinho, um sopro de animo nos invade o ser e nos alenta uma grande esperança, como que a dizer: - Não desanimeis, ide sempre avante na pratica do Bem, no culto à Verdade, porque si o mundo um dia sumir-se no vácuo do nada, as vossas boas acções crystalisadas numa oração, dar-vos ão do Supremo Juiz o perdão e com o perdão a eternidade... – Na garrididice da infância, na ingenuidade da juventude, na phase rispida da maturidade e nas cans da velhice, o carinho é sempre uma luz fagueira, á prometer nos em rythmos sagrados, a victoria na vida e a paz na morte...

- Bemdicto seja eternamente o carinho! –

Antonio L. Albuquerque.

Agosto de 1924 (Albuquerque, 1924).

Assim, a partir da análise do processo de aquisição de capital cultural de Anita Philipovsky, com a conseqüente acumulação de capital social e simbólico, podemos considerar que sua aproximação com as letras perpassou o campo educacional, oportunizando-lhe contatos e novas visões de mundo que se expandiram para o que comumente se esperava das mulheres do início do século XX. Sobre isso, percebe-se que na construção da trajetória intelectual de Anita Philipovsky, a educação constituiu-se como peça fundamental para o seu desenvolvimento enquanto figura influente da sociedade, conforme também destacado por Oliveira (2018). Perrot (1998, p. 105) também corrobora o papel relevante da educação na construção de uma postura crítica pelas mulheres, assim como, a vivência de funções sociais, até então, pouco experienciadas por elas, reforçando que “[...] A instrução abria de fato às moças as portas de muitas profissões”.

Assim sendo, a partir da compreensão sobre a relevância do processo educacional na construção da trajetória de Anita Philipovsky como crítica social, trataremos na sequência de sua constituição como autora.

## ANITA PHILIPOVSKY: DE LEITORA A CRÍTICA SOCIAL

No tópico anterior, defendemos que o percurso educacional de Anita Philipovsky foi fator decisivo em sua composição enquanto sujeito histórico que toma para si a responsabilidade de engajar-se como intelectual que vislumbra um novo panorama para as mulheres, especialmente a partir dos investimentos em educação e em novas atuações para o gênero feminino. Refletimos também sobre o papel preponderante da influência paterna e da amizade com os editores dos jornais e revistas com os quais ela contribuiu, especialmente O Progresso/Diário dos Campos, criando assim, uma rede de sociabilidades, conforme conceito cunhado por Sirinelli (2003), assim como as possibilidades de formação, oportunizadas pelo acúmulo de capital cultural, social, simbólico e econômico.

Assim, além das oportunidades e condições proporcionadas pelos já citados capitais, devemos problematizar outros influenciadores que marcaram a trajetória de Anita Philipovsky. Um desses contatos, conforme já apontamos, foi a interlocução que Anita teve com uma de suas professoras, a italiana Giovanina Bianchi. Segundo Oliveira (2018), o respeito e a persuasão desta professora foram muito intensos na trajetória de Anita. Sobre isso, a autora ainda assegura que “[...] a poetisa [Giovanina Bianchi] circulou entre pessoas pertencentes à elite ponta-grossense e principalmente, entre mulheres que já faziam parte do meio intelectual da cidade, facilitando a entrada de Anita nesse meio” (Oliveira, 2018, p. 67). Isso demonstra a preocupação estratégica de Anita Philipovsky em cultivar o capital social e simbólico que talvez lhe possibilitasse a circulação de suas obras na imprensa, por meio do desenvolvimento de uma rede de sociabilidades.

Sobre a formação literária de Anita Philipovsky, Fontes (2014, p. 40) comenta sobre a influência do contato com outros autores em sua constituição intelectual, afirmando que:

Pode-se, com relativa facilidade, vislumbrar em sua produção suas mais prováveis leituras, o legado literário herdado de Gonçalves Dias (“Minha terra tem palmeiras,/ onde canta o sabiá;/ as aves, que aqui gorjeiam,/ não gorjeiam como lá”), Olavo Bilac, Baudelaire, Raimundo Correia, Rimbaud, Cruz e Sousa, Castro Alves, entre outros.

O exposto acima pode ser observado nos contos e poesias em que Anita Philipovsky discorre sobre as belezas dos Campos Gerais, região em que Ponta Grossa se localiza no Estado do Paraná, como a exemplo da produção intitulada Paizagem, no qual a autora destaca:

[...] Para a frente, longe, o vulto de um pinheiro solitario se destacava na imprimadura da lomba pensativa. Era soberbo e forte. E a copada immovel sobre o tronco rectilinio, parecia tomada de grandes impaciencias, de uns dezejos de fugir, de ascender, cheia de ancias do azul profundo. E o moinho? Lá, à esquerda, junto ao arroio, estava elle parado e quieto [...] (Philipovsky, 1915).

Assim, a partir do contato com o capital cultural objetivado na forma de diversas leituras, Anita Philipovsky vai se estabelecendo como leitora, fornecendo também as bases para firmar-se como escritora e poetisa, conforme salienta Fontes (2014, p. 38):

Quer como contista, poetisa ou romancista, desenvolveu extraordinária atividade intelectual, notadamente no período de 1910 a 1930, colaborando assiduamente em numerosos jornais e revistas da época. Fez parte do grupo das primeiras animadoras das letras femininas do Paraná, ladeada por Mariana Coelho, Mercedes Seiler, Maria da Luz Seiler, Zaida Zardo, Annette Macedo e Myrian Catta Preta. [...].

A citação anterior corrobora a afirmação de Oliveira (2018, p. 67), a qual argumenta que: “As mulheres cronistas publicavam em periódicos locais, principalmente sobre assuntos considerados femininos, como moda e casamento. Essa foi para as mulheres, uma das entradas no campo literário”. Sobre isso, Oliveira e Martiniak (2019, p. 887) enfatizam que Anita Philipovsky, contrariando o padrão literário comumente associado às mulheres escritoras de sua época, “[...] publicou desde o início seus poemas ou crônicas, mas que nada tinham em comum com apontamentos sobre moda ou casamento. A poetisa escrevia sobre sua cidade natal, lugares que passou”. Essa característica literária de Anita também marcou sua singular trajetória, demonstrando sua preocupação com as temáticas sociais que a afligiam, especialmente ao questionar as oportunidades educacionais para as mulheres, conforme demonstra seu artigo publicado no jornal *O Progresso/Diário dos Campos* em 08 de agosto de 1912:

Ponta Grossa; porém, a segunda cidade em população e progresso comercial e industrial, já devia ter um estabelecimento de ensino secundário para meninas, que as preparasse para a lucta, pela vida, porque aquella de entre nós que quizer, abandonando a rotina comum, sahir desse circulozinho estreito e opressor, adquirir os meios para se lançar n’uma esfera mais ampla, para levar uma vida menos dependente; enfim, há de recuar vencida entre a importância de ver realizada a sua elevada aspiração na falta de uma escola que lhe faculte para esse fim o saber necessário (Philipovsky, 1912).

Assim, ao analisar as características gerais da obra de Anita Philipovsky, Fontes (2014, p. 41) explica que:

À semelhança de seu pai, Anita era muito nacionalista, característica pontual em sua textualidade, além, é claro, conforme tendência da escrita feminina da época, de portar uma poética de caráter intimista. Ela investiga simultaneamente o mundo real através de subtítulos paralelos, abrindo janelas para nós, não para dentro de mundos visionários, mas para dentro de textos que exploram sua própria vida, sua família, a história, nossa formação social, configuração geográfica, mapeando seu tempo com esmero.[...]. Os próprios títulos de seus trabalhos apontam para o sentido do conjunto de sua produção, toda construída de intermitências entre momentos de encantamento e momentos de profunda tristeza: “A cruz do ermo”, “Destinos divergentes”, “Rompimento”, “Saudade”.

Além disso, Fontes (2014, p. 44), aponta que “Curiosamente, Anita Philipovsky é hoje reconhecida como vulto da poesia ponta-grossense, no entanto o volume mais expressivo de seus trabalhos é em prosa”, com destaque para o engajamento social que marcou muitos de seus famosos textos veiculados nas páginas do Diário dos Campos. Ao analisar especificamente uma das obras de Anita, a autora Luísa Cristina dos Santos (2001, p. 237, grifo da autora), explica um pouco mais sobre o perfil da escritora:

O texto **IMPRESSÕES**, de Anita Philipovsky, revela uma cronista meticulosa. O artigo, publicado em outubro de 1912 no jornal O Progresso, mapeia sua época com riqueza de detalhes que possibilitam uma leitura orientada para os aspectos sociais, históricos, psicológicos, comportamentais, linguísticos e estilísticos. Convém perscrutar a agudeza de espírito de uma mulher ousada, à frente de seu tempo.

A expressão utilizada por Santos (2001, p. 237) no excerto acima merece ser problematizada, pois Anita Philipovsky talvez não devesse ser compreendida como “[...] uma mulher à frente de seu tempo”, mas como uma mulher crítica, vivendo em seu próprio tempo e tensionando os modelos e estereótipos que se empunham às mulheres nas primeiras décadas do século XX. Para compreender melhor esse aspecto, cita-se a participação de Anita Philipovsky em uma enquete promovida pelo jornal Diário dos Campos no auge das polêmicas sobre o voto feminino no Brasil em 1932. Nessa entrevista, Anita assume textualmente que é feminista, mostrando-se favorável ao voto feminino, o qual ela defende como um “ideal de justiça”:

A concessão do direito do voto á mulher - O que nos disse sobre esse dispositivo do codigo eleitoral a talentosa prosadora conterranea sta. Annita Philiponsky. Ouvindo a opinião da Mulher pontagrossense sobre a concessão do direito do voto á mulher, não podíamos prescindir do parecer da distincta senhorita Annita Philipovsky, uma das mais rutilantes fulgencias de nossa intellectualidade feminil e nossa apreciada collaboradora. [...]. - “sou, sempre fui e sempre serei feminista. Tal é o meu partidarismo nesse ponto que, mesmo pelo prisma não romanesco, julgo que as belletrizes refulgem sympathias a quem quer que seja. E em alimentando assim esse ideal de justiça, não posso deixar de ser favorável á concessão do direito do voto á mulher. [...] (A concessão [...], 1932a).

Sobre essas questões e considerando as observações sobre o termo feminista, muito bem analisado por Scott (1995), no sentido de compreensão das mulheres enquanto sujeitos históricos, pode-se conjecturar que a escrita de Anita Philipovsky tinha o compromisso com a crítica social, pois ela importava-se com diversos temas que movimentavam as discussões de sua época, como o voto feminino.

Nesse sentido, Anita Philipovsky tensiona a soberania do discurso que pregava que as mulheres não podiam se expressar por meio da escrita pública e, fazendo uso das diversas modalidades de capital de que dispunha e de sua rede de sociabilidades, trilhou seu caminho no mundo das letras. Iniciou sua caminhada por meio de versos e crônicas, gêneros textuais

até então bem aceitos para as mulheres enquanto autoras, de acordo com Woellner (2007) e, posteriormente, tornou-se mais crítica, ao questionar alguns valores vigentes que impediam a autonomia das mulheres.

Sobre isso, é importante discorrer sobre o olhar masculino que foi especialmente observado em nossa pesquisa, pois constatamos que havia poucos artigos nas fontes pesquisadas, cuja autoria era feminina. Essa constatação é importante, pois ela permite pontuar, conforme já enfatizamos, a relevância de Anita Philipovsky enquanto defensora da participação feminina na sociedade, uma vez que Anita sempre fazia questão de posicionar-se publicamente sobre suas concepções, particularmente a favor dos direitos femininos, em especial, o acesso aos estudos. Nos materiais disponíveis por nossas fontes de pesquisa, especialmente sobre as décadas de 1910 a 1930, pudemos perceber que, muitas vezes, os homens escreviam sobre as mulheres, falando, pensando e optando por elas, em nome delas.

Sobre isso, Spivak (2014) problematiza o papel da figura do intelectual nesse processo, questionando se ele pode falar em nome de outro indivíduo, refletindo sobre a possibilidade de reprodução do discurso hegemônico, especialmente em relação às mulheres. Nesse sentido, ao retomar a discussão sobre o envolvimento das mulheres com o universo letrado, Fontes (2014, p. 32) reitera que:

Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita, só podendo introduzir seu nome na história através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos ou por intermédio de professores particulares.

A citação anterior vem ao encontro do que defendemos neste artigo, a de que o contexto familiar e as oportunidades vivenciadas no percurso de vida de nossa personagem, possivelmente definiram seu papel na literatura e na escrita.

Em entrevista ao jornalista Raul Gomes sobre diversos assuntos, no período em que o jornal *Diário dos Campos* ainda chamava-se *O Progresso*, Anita Philipovsky demonstra seu ponto de vista sobre as mulheres. Sobre esta entrevista, podemos problematizar alguns pontos importantes. Inicialmente podemos refletir sobre o fato de Anita ter sido entrevistada para o referido jornal. Por que ela? Sobre isso, fica o questionamento: Qual o interesse da equipe editorial do *Diário dos Campos* em saber e em publicar as opiniões de uma mulher sobre diversas situações sociais? Possivelmente esse evento sinalize a relevância do capital social, simbólico e cultural de que Anita dispunha, a ponto de suas concepções serem consideradas interessantes para serem divulgadas no único jornal impresso da cidade de Ponta Grossa no período analisado.

Raul Gomes: Há em Ponta Grossa um meio literário?

Anita Philipovsky: Creio poder responder afirmativamente. Não constituem esse meio um elevado número de elementos, porém, entre eles, alguns bastante e merecidamente considerados no mundo intelectual paranaense, e que com dedicação digna de louvor mantêm a folha literária

que aqui se publica, e outros, que ainda principiantes, mas que pelo talento e aplicação ao estudo prometem um futuro bastante lisonjeiro para a literatura ponta-grossense.

Raul Gomes: Existem, como parte integrante, elementos femininos?

Anita Philipovsky: Sim...

Raul Gomes: Esses elementos femininos são muitos?

Anita Philipovsky: Infelizmente não. Há mesmo um número muito limitado de moças que escrevem. As senhoritas ponta-grossenses dedicam-se com preferência à música e à pintura, e creio que se pode atribuir esse desamor às letras, à crítica, que essa arte, mais que todas as outras, está sujeita.

Raul Gomes: Podeis citar os nomes que vos ocorrem?

Anita Philipovsky: Marianna Duarte, Giovanina Bianchi, Josephina Rodrigues, Cordelia do Amaral, Daluz Pupo, Maria Luiza Xavier e Herminia Cordeiro são os nomes que agora me vêm à lembrança (Entrevista, 1912).

Fontes (2014, p. 35) também comenta sobre o contexto editorial em que Anita atuou, explicando que esse foi o “[...] espaço privilegiado por que Anita Philipovsky circulou com elegância, no entanto, com muita firmeza, inteligência, e raro espírito crítico (considerando todas as premissas)”. Novamente especulamos que, talvez essa confiança em transitar por um meio eminentemente masculino, possa ter sido facilitada pela aquisição de capital cultural e simbólico, por meio do desenvolvimento de um *habitus*<sup>4</sup> que lhe proporcionasse segurança para atuar nesses redutos sociais ainda dominados pelo gênero masculino.

Na disputa por esses espaços sociais, Luciana Cristina Pinto e Cláudio DeNipoti (2008, p. 238) assinalam que “[...] Anita Philipovski, também filiada ao CCEC [Centro Cultural Euclides da Cunha], que publicara muitos textos no jornal Diário dos Campos, mas jamais conseguira publicar o livro reunindo seus poemas e ensaios”. Aqui novamente problematizamos a relevância da posse do *habitus* necessário que legitimasse o acesso e o trânsito de uma mulher em ambientes como o Centro Cultural Euclides da Cunha<sup>5</sup>. No entanto, apesar de Anita ser reconhecida como colaboradora de diversos periódicos e revistas e como escritora, dispoño, de acordo com nomenclatura indicada por Carlos Eduardo Vieira (2001), das “credenciais” essenciais para circular por esses espaços, ainda assim, ela não conseguiu publicar sua obra em livro (Santos, 2002).

Apesar de Anita manifestar protagonismo em suas atitudes e comportar-se de forma progressista e, embora não tendo se casado, conforme era costume entre as moças de sua época, ainda assim, Anita apresentava alguns comportamentos que condiziam com seu contexto histórico, demonstrando geralmente uma postura despretensiosa em relação a seus feitos. Um desses comportamentos esperados pelas moças daquele tempo pode ser constatado na já citada entrevista concedida ao jornalista Raul Gomes, em que ao responder sobre seus textos inéditos, ela afirma que possui “[...] apenas algumas impressões, composições insignificantes como tudo que tenho produzido” (Entrevista, 1912). Esse comportamento modesto era considerado louvável para uma mulher do contexto das primeiras décadas do século XX e Anita o assume em diversos momentos de sua trajetória.

Assim, a partir de sua ampla colaboração a periódicos e revistas, com destaque aqui para o ponta-grossense *O Progresso/Diário dos Campos*, Anita Philipovsky foi se constituindo como intelectual, conforme trataremos a seguir.

## **ANITA PHILIPOVSKY – O DELINEAMENTO DE UMA INTELECTUAL**

A partir do exposto até aqui, percebemos que Anita Philipovsky foi uma personagem que se destacou enquanto colaboradora de diversos periódicos e revistas paranaenses, comportando-se como representante literária e crítica social. Ou seja, Anita escreveu, comentou, questionou e teceu reflexões sobre o que a incomodava e também utilizou a imprensa escrita para criticar e reivindicar aquilo que julgava justo, especialmente no que diz respeito às mulheres.

Em relação aos aspectos educacionais, isso é perceptível pelas denúncias e problematizações que Anita assinou nas páginas do *Diário dos Campos*, questionando as poucas opções de estudos para as mulheres em Ponta Grossa, conforme pode-se averiguar no artigo a seguir, quando o referido periódico ainda se chamava *O Progresso*:

Nós moças de Ponta Grossa, que fontes tivemos e temos para saciar nossa sede de saber? Em uma escola de primeiras letras recebíamos o ensino das matérias elementares, e este mesmo interrompido pelos impedimentos da professora, e nada mais [...]. Quando se abriu o instituto “Dr. João Candido”, em nossa cidade podia estabelecer se também um curso secundário para meninas ensinando com especialidade geografia geral, eletricidade, escripturação mercantil, contabilidade, tachigrafia e uma das línguas mais geralmente faladas como a franceza, inglesa ou allemã. Ficariam, com o preparo nessas matérias, habilitadas para ocuparem cargos no correio, telegrapho, telephone, ou como guarda livros e correspondentes commerciaes [...] (Educação, 1912).

Nesse sentido, as ações de Anita Philipovsky podem subsidiar as discussões sobre as singularidades entre as mulheres públicas e as do ambiente privado, em consonância com as reflexões promovidas por Perrot (1998), em sua famosa obra *Mulheres Públicas*. Nessa obra, a autora discute as formas de resistência das mulheres e os embates que elas travaram ao longo do tempo em busca de novas oportunidades sociais, problematizando as estratégias que elas fizeram uso para se inserir nos espaços públicos. Além disso, Perrot (1998) oportuniza algumas reflexões sobre os papéis das mulheres na sociedade, refletindo sobre as “brechas” que elas vão encontrando para se inserirem de forma lenta, gradual e nem um pouco linear nos espaços sociais tradicionalmente ocupados por homens. Sobre isso, em um texto publicado no jornal curitibano *Diário da Tarde*, em 15 de julho de 1916, Anita Philipovsky explicita suas opiniões sobre a liberdade e a opressão: “Render culto á Liberdade – esse ideal que todos nós buscamos – é uma tendencia natural, instinctiva, innata em todo

indivíduo; porque a autoridade, a opressão é o aniquilamento do animo, é lenta e intérmina agonia d'alma. [...]" (Philipovsky, 1916).

Desse modo, em nossa pesquisa pudemos constatar que Anita soube aproveitar todas as "brechas" que encontrou em seu caminho para se firmar como escritora, poetisa e intelectual reconhecida, desenvolvendo um *habitus* de escritora e crítica social, fazendo bom uso de sua rede de sociabilidades. Tal fato pode sinalizar que, às mulheres convencionadas como educadas e cultas, ou seja, envolvidas com a cultura de forma geral, portanto, detentoras de capital cultural, estaria reservado maior espaço no universo impresso. A partir disso, pode-se compreender que Anita conseguiu alçar um lugar de destaque e de respeito no meio literário, conforme demonstra a transcrição a seguir, na qual o jornal Diário dos Campos felicita a escritora pelo seu aniversário:

Annita Philipowski

A ephemeride que hoje transcorre assignala a passagem do anniversario natalício da talentosa literata pontagrossense, sta. Annita Philipowski, - filha do saudoso cidadão sr. Carlos Leopoldo Philipowski, e grandemente conhecida em os meios intellectuaes paranaenses, pelos seus primorosos [...] intellectuaes (Annita [...], 1934).

Dessa forma, recorrendo ao conceito de redes de sociabilidade, cunhado por Sirinelli (2003), compreendido como a construção e manutenção de uma rede, ou até como uma teia de contatos e de relacionamentos, deve-se salientar que, em sua resposta à já citada enquete promovida pelo jornal Diário dos Campos acerca do voto feminino, veiculada na edição de 24/02/1932, Anita Philipovsky argumenta seu posicionamento, afirmando que "[...] sou, sempre fui e sempre serei feminista" (A concessão [...], 1932a). Com seu discurso, Anita conclamava as mulheres a lutarem por reconhecimento político e novas oportunidades para estudar e ter uma profissão que lhes proporcionasse autonomia, constituindo-se como uma figura feminina de grande atividade intelectual no período assinalado.

Nesse sentido, constata-se que na construção e na manutenção de suas redes de sociabilidades, além da já citada influência e amizade com sua professora Geovanina Bianchi, assim como, do apoio incondicional de seu pai, Anita também cultivou bom relacionamento com os editores dos periódicos e revistas com os quais colaborou, sendo reconhecida como importante representante do gênero feminino especialmente na cidade de Ponta Grossa.

Em relação às discussões sobre o papel social do intelectual, Sapiro (2012), demarcando o caso Dreyfus como o acontecimento que originou o termo "intelectual" no sentido de tomada de posição e engajamento, apresenta o delineamento de oito perfis com formas e modalidades de intervenção política dos intelectuais. Subsidiada por Bourdieu, a autora indica que são 3 os fatores que estruturam o campo intelectual, a saber: o capital simbólico; a autonomia em relação à demanda política e o grau de especialização, a partir de um critério sócio-histórico. Em sua análise, a autora problematiza as inúmeras e complexas posições que os intelectuais podem expressar, assumindo um viés mais autônomo

ou heterônomo, passando por um perfil generalista ou especializado, adotando uma ótica de dominante ou de dominado, abarcando algumas possíveis combinações dessas especificações principais.

Neste artigo, Sapiro (2012) explica que, muitas vezes, as diferenças entre um modelo e outros são tênues e que, um mesmo intelectual pode, ao longo de sua carreira, migrar de um modelo para o outro, a partir das condições que se apresentam. Essas considerações são importantes para compreender a postura de Anita Philipovsky ao longo de sua trajetória, demonstrando em alguns momentos mais entusiasmo pela luta por espaços sociais e participações políticas, entremeados por conjunturas de menor poder de posicionamento. Como exemplo, podemos considerar que no período de discussões sobre o voto feminino, a voz de Anita se fez muito presente nas páginas do Diário dos Campos, assim como, os debates em torno de novas oportunidades educacionais para as moças de Ponta Grossa.

Além disso, Sirinelli (2003) também contribui com essa análise, a partir da elaboração de outros dois conceitos que ajudam a compreender as atitudes dos intelectuais e seus comportamentos, são eles: a) itinerário e b) geração. O conceito de itinerário intenciona analisar as trajetórias dos intelectuais, seus percursos, suas origens acadêmicas, entre outros fatores que podem influenciar suas tomadas de posição. Já o conceito de geração pode ser compreendido no sentido de herança ou transmissão cultural, indo além das questões de faixa etária. Esses dois conceitos, somados ao já citado conceito de redes de sociabilidade, são fundamentais para se compreender a atuação e o papel dos intelectuais na sociedade, especialmente aqui, o percurso intelectual de nossa personagem.

Em relação a esses 3 conceitos, podemos perceber que Anita Philipovsky potencializou suas oportunidades formativas e educacionais, a partir do contato com professores particulares que facultaram sua familiarização com as letras, as artes, as línguas, compondo um itinerário formativo que lhe possibilitou circular com certa segurança pelo universo letrado. Em relação à rede de sociabilidades, conforme já explicamos, Anita teceu uma grande teia de amizades e admirações mútuas.

Nessa perspectiva, outra estratégia de que ela fez uso foi que “[...] durante o período em que publicou, manteve o hábito de dedicar alguns de seus textos para pessoas que faziam parte de seu círculo de sociabilidade” (Oliveira; Martiniak, 2019, p. 896), cultivando um *habitus* pautado no compartilhamento de suas obras com seus contatos já estabelecidos. Além disso, sobre o conceito de geração, Anita mostrou-se próxima de outras mulheres que comungavam de suas concepções, como Mariana Coelho, Georgina Mongruel, Annette Macedo, entre outras, conforme já citado por Fontes (2014) e Oliveira e Martiniak (2019), assim como, por algumas professoras de Ponta Grossa, como a educadora Maria Luíza Ruth Junqueira, que também participou da enquete promovida pelo Diário dos Campos, manifestando-se favorável ao voto feminino, conforme demonstra a citação a seguir.

A concessão do direito do voto á mulher  
Fala-nos sobre esse dispositivo da lei eleitoral a talentosa educadora conterranea Prof. Maria Ruth Junqueira [...], competente e digna componente de nosso magistério publico, e brilhante intellectual conterranea, [...]. Acho que a actual campara feminista tem despertado grande interesse em todo Brasil e considero-a uma das maiores victorias obtidas, visto ser grande o numero de brasileiras que já interpretam o valor do voto. Tudo se negava á mulher em tempos passados: ella não podia pensar nem agir e muito menos emittir opiniões: hoje, porém todos os paizes estão reconhecendo o seu direito e pedem a sua collaboração nos diversos ramos da actividade humana, quer sejam moral ou social, economico ou politico. É, portanto, justa a sua pretensão ao direito do voto. [...]. É uma justissima reivindicação. Penso ser chegada a hora de se lhe reconhecer o direito do voto e estou certa de que o seu concurso não será dispensado,” [...] (A concessão [...], 1932b).

Desse modo, este tópico teve o objetivo de apresentar, a partir da problematização acerca das colaborações de Anita Philipovsky em diversos periódicos e revistas paranaenses, especialmente o ponta-grossense O Progresso/Diário dos Campos, algumas considerações sobre a construção intelectual de Anita Philipovsky. Essa mulher buscou, de alguma forma, desenvolver atividades públicas, expressando-se por meio de poesias, crônicas e textos críticos, construindo um *habitus* de escritora comprometida socialmente, especialmente em relações às questões femininas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi refletir sobre o processo de construção de Anita Philipovsky, enquanto intelectual engajada na luta pelos direitos femininos, principalmente a partir de sua participação no jornal Diário dos Campos e em outros periódicos e revistas paranaenses, como espaços de atuação também femininos, salientando especificamente o contexto histórico das décadas de 1910 a 1930.

Assim, procurou-se mostrar que na construção da trajetória intelectual de Anita e na conformação de seu *habitus* de escritora, comprometida com as questões sociais de seu tempo, foi fundamental o seu processo educacional, por meio da aquisição de capital cultural, o qual lhe possibilitou a atuação como poetisa, autora e, posteriormente crítica social. Além disso, foi fundamental em sua trajetória o desenvolvimento dos capitais social e simbólico, construídos a partir do apoio de seu pai, do contato com professores particulares, especialmente da professora Giovanina Biachi e da amizade com os editores do jornal Diário dos Campos, seu primeiro espaço de escrita, assim como com os representantes dos demais veículos de comunicação impressa com os quais ela teve contato.

Dessa forma, podemos compreender Anita Philipovsky como intelectual e como sujeito histórico, incluindo nessa discussão as reflexões sobre o conceito de gênero como essencial para a problematização sobre a participação das mulheres nos mais diversos

cenários públicos, especialmente a educação e o universo das letras, entendidas em um sentido amplo e vinculadas à cultura.

Para viabilizar essas discussões, foi importante a problematização sobre o conceito de redes de sociabilidade, cunhado por Sirinelli (2003), com o objetivo de compreender as alianças, estratégias e contatos que favoreceram as atividades de Anita Philipovsky, assim como os espaços de circulação construídos e utilizados por ela para expor suas ideias por meio da imprensa.

Por fim, constata-se que a participação de Anita Philipovsky nos periódicos e revistas paranaenses foi muito significativa, no sentido de constituir-se como uma voz feminina que lutava pelos interesses das mulheres por meio da imprensa escrita, promovendo a circulação de novas ideias e novas perspectivas para o gênero feminino, englobando relações com a educação, o Estado, a política, a cultura, entre outras esferas do poder. Ademais, as experiências de Anita possibilitaram o contato de outras mulheres com esses ambientes públicos, permeados por diversas esferas administrativas, contribuindo para a constituição, manutenção e também para que algumas transformações ocorressem nessas instituições, indicando que as mulheres, por meio da ação intelectual, ainda em construção no período analisado, puderam influenciar, algumas vezes de forma ainda tímida, alguns setores da sociedade.

## REFERÊNCIAS

A CONCESSÃO do direito do voto à mulher. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 24 fev. 1932a.

A CONCESSÃO do direito do voto à mulher. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 25 fev. 1932b.

A TALENTOSA, poetiza D. Giovannina Baldisseri Bianchi. **O Progresso**, Ponta Grossa, 21 mar. 1912.

ALBUQUERQUE, A. L. O carinho, **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 07 ago. 1924.

ANNITA Philipowski. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 02 ago. 1934.

ANNITA Philipowsky. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, ano 15, n. 2825, 01 jun. 1921, p. 1.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

EDUCAÇÃO. **O Progresso**, Ponta Grossa, 08 ago. 1912.

ENTREVISTA. **O Progresso**, Ponta Grossa, 10 dez. 1912.

FONTES, L. C. dos S. A invenção da escritora – Anita Philipovsky, paradigma literário. *In*: WOITOWICZ, K. J.; ROCHA, P. M. (org.). **Marcas e discursos de gênero**: produções jornalísticas, representações femininas e outros olhares. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

GUEBERT, C. A.; KARVAT, E. C. De histórias e tradições: o Centro Cultural Euclides da Cunha e a historiografia no periódico Tapejara (1950-1961). **Ateliê de História**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 41-77, 2015.

OLIVEIRA, L. L. de. **Entre a crítica de Anita Philipovsky (1886-1967) e as contradições do Estado**: a história da educação das mulheres em Ponta Grossa na Primeira República. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, L. L. de; MARTINIÁK, V. L. A escritora Anita Philipovsky: contribuições da literatura para a educação feminina nos Campos Gerais, PR. **Quaestio**, Sorocaba, v. 21, n. 3, p. 883-899, set./dez. 2019.

PERROT, M. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PHILIPOVSKY, A. A recompensa, **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 jul. 1916.

PHILIPOVSKY, A. Educação. **O Progresso**, Ponta Grossa, n. 595, 08 ago. 1912.

PHILIPOVSKY, A. Paizagem. **Paraná Ilustrado**, Curitiba, 15 out. 1915.

PINTO, L. C.; DENIPOTI, C. O livro como dádiva: as dedicatórias manuscritas nos livros do centro cultural Euclides da Cunha – Ponta Grossa – 1950-1960. **Revista Méti**s, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 233-255, jan./jun. 2008.

SANTOS, L. C. dos. **Anita Philipovsky**: a princesa dos campos. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

SANTOS, L. C. dos. Letras ponta-grossenses: lembranças de Anita – VII. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 23, n. 1, p. 237-240, dez. 2001.

SAPIRO, G. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 19-50, jan./jun. 2012.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIRINELLI, J. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, R. (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

VIEIRA, C. E. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional brasileiro. *In*: LEITE, J. L.; ALVES, C. (org.).

**Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, culturas e políticas.** Vitória: EDUFES, 2001. p. 25-54.

WOELLNER, A. M. A voz da mulher na literatura. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 3, n. 3, p. 9-34, 2007.

#### AUTORIA:

\* Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora Colaboradora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Contato: karinaregalio@hotmail.com

#### COMO CITAR ABNT:

CAMPAGNOLI, K. R. Anita Philipovsky: a construção intelectual de uma feminista. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-20, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8663626. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8663626>. Acesso em: 22 nov. 2023.

#### Notas

<sup>1</sup> Optou-se por manter a grafia original dos periódicos e revistas consultados.

<sup>2</sup> Há várias grafias diferentes para o sobrenome de Anita Philipovsky. Utilizaremos a grafia indicada por Oliveira (2018), a partir de sua pesquisa de Mestrado, na qual a autora baseou-se em informações contidas na certidão de óbito desta personagem.

<sup>3</sup> De acordo com Bourdieu (1989), o conceito de capital apresenta 4 subtipos, a saber: Capital social, econômico, simbólico e cultural. O capital social pode ser representado pelas amizades, contatos e relacionamentos. O capital econômico diz respeito aos bens, imóveis, terras, joias e demais itens de valor financeiro. Já o prestígio, respeito e reconhecimento fazem parte do capital simbólico. O capital cultural pode ser compreendido a partir de 3 subdivisões: capital cultural objetivado, incorporado e institucionalizado. Os livros, mapas, obras de arte e demais objetos concretos dizem respeito ao capital cultural objetivado. Já o modo incorporado remete a uma postura própria do indivíduo, como se fosse parte do agente, segundo nomenclatura de Bourdieu. Os títulos escolares e acadêmicos, fazem menção ao capital cultural na forma institucionalizada, legitimados pela educação formal.

<sup>4</sup> De acordo com Bourdieu (2008), o conceito de *habitus* remete a uma configuração nos gostos, nas preferências, nas opções, nos comportamentos, nas posturas, entre outras características de um agente.

<sup>5</sup> De acordo com Caroline Aparecida Guebert e Erivan Cassiano Karvat (2015, p. 41), o Centro Educacional Euclides da Cunha constituía-se em um “[...] círculo intelectual que existiu entre 1948 e 1985 em Ponta Grossa, [...] e que possuía uma rede de correspondentes em todo o Brasil”. Para maiores informações, consultar o artigo dos autores.